

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI

Djacir Sampaio da Rocha

**A RELAÇÃO ENTRE VERDADE E FELICIDADE NAS OBRAS “SOLILÓQUIOS”
E “A VIDA FELIZ”, DE SANTO AGOSTINHO**

Teresina
2014

DJACIR SAMPAIO DA ROCHA

A RELAÇÃO ENTRE VERDADE E FELICIDADE NAS OBRAS "SOLILÓQUIOS"
E "A VIDA FELIZ", DE SANTO AGOSTINHO

A RELAÇÃO ENTRE VERDADE E FELICIDADE NAS OBRAS "SOLILÓQUIOS"
E "A VIDA FELIZ", DE SANTO AGOSTINHO

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí -
ICESPI, como requisito à obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Pe. Júlio César Sousa de Jesus

cod. 4827
100
R6224

ICESPI	Biblioteca
11235	14/04/15

Djacir Sampaio da Rocha

**A RELAÇÃO ENTRE VERDADE E FELICIDADE NAS OBRAS “SOLILÓQUIOS”
E “A VIDA FELIZ”, DE SANTO AGOSTINHO**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí -
ICESPI, como requisito à obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia.

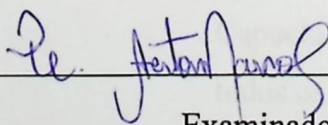
Orientador: Prof. Ms. Pe. Júlio César Sousa de Jesus

Aprovado em ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Ms. Pe. Júlio César Sousa de Jesus (ICESPI) – Orientador

Examinador (a)



Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por minha vida que foram meus primeiros responsáveis educadores na escola da vida. Sou grato de modo especial a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos do Ceará e Piauí (PROCEPI) que auxiliaram no meu trabalho. Ao Frei Manoel Pereira e ao Frei Edmilson Viana pela amizade, pelo estímulo aos estudos e pela confiança que sempre depositaram em mim. Deus seja louvado por São Francisco de Assis na fraternidade São Benedito.

Aos meus pais (Juracir Bernardino da Rocha e Mirian Freitas Sampaio), a minha irmã (Ilma Sampaio da Roca), a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos do Ceará e Piauí (PROCEPI) e a todos os que acreditaram na minha competência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, aos meus pais que foram meus primeiros responsáveis educadores na escola da vida. Sou grato de modo especial a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos do Ceará e Piauí - PROCEPI que acreditam na minha vocação. Ao Frei Manoel Pereira e ao Frei Edmilson Viana pela amizade, pelo estímulo aos estudos e pela confiança que sempre depositaram em mim. Deus seja louvado por tão frutíferas bênçãos vividas na fraternidade São Benedito.

"A vida feliz é a alegria que provém da verdade. Tal é a que brota de Vós, ó Deus, que sois a nossa luz, a felicidade do meu mundo e o meu Deus. Todos desejam esta vida feliz, mas, só os que buscam a alegria que provém da verdade."

SANTO AGOSTINHO

RESUMO

A proposta deste trabalho é discursar acerca da relação *de Verdade e Felicidade* no pensamento de Santo Agostinho a partir das obras *Solilóquios* e *A Vida Feliz*. A Verdade para Santo Agostinho, bem como a conceituação da felicidade, é um tema muito discutido nos seus escritos. No pensamento agostiniano a Verdade é apresentada como uma iluminação divina. Foi precisamente esta iluminação que permitiu a ele um novo conhecimento acerca da Verdade, ou seja, sua saída do maniqueísmo e a busca do Bem Supremo. Para Agostinho a Verdade se encontra dentro do próprio homem. Nesse sentido, o homem tem necessidade da Verdade e ainda de conhecer sua alma na procura de Deus. Assim, deve levar-se em consideração a fruição do conhecimento absoluto. Desta forma, Agostinho conclui que o homem deseja ser feliz; outro tema de grande relevância para o filósofo é o entendimento da Felicidade, a qual faz alusão como posse de Deus, sabedoria e plenitude na obra intitulada *A Vida Feliz*. Nesta obra está contida de forma ilustrativa que o homem feliz é aquele que possui a Deus, como fonte de verdadeira vida, onde para ele não há possibilidade de carência e nem necessidade material, do contrário, é viver uma falsa felicidade. Todavia, segundo o pensador medieval, também a Verdade e Felicidade estão numa correlação de profunda consonância, por sua vez não podem ser separadas de forma alguma. Com isso, o presente estudo busca analisar tal perspectiva segundo a lógica do pensamento agostiniano, adentrando deste modo no pensamento medieval, pode-se conhecer ao Deus que habita no interior do homem e, conseqüentemente, a vida feliz. Veremos que é através da contemplação de Deus que a Verdade revela-se ao homem e ele tem então a oportunidade de encontrar a felicidade tão almejada por todo ser humano.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Verdade. Felicidade. Deus. Homem.

ABSTRACT

The purpose of this work is speaking about the relation of Truth and Happiness in St. Augustine's thought from the works *Soliloquies* and *The Happy Life*. The Truth for St. Augustine, as well as the concept of happiness, is a hot topic in his writings. In the Augustinian thought the Truth is presented as a divine illumination. It was precisely this lighting that allowed him a new knowledge about Truth, that is, his output of Manichaeism and the search for the highest blessing. For Augustine the truth lies within the man himself. In this way, the man has the need of truth and yet to know his soul in the search of God. Thus, it must take the enjoyment of the absolute knowledge. Thus, Augustine concludes that the man wants to be happy; another topic of great relevance to the philosopher is the understanding of Happiness, which alludes to possession of God, wisdom and fulfillment in the work entitled *The Happy Life*. In this work is contained as an illustration that the happy man is who has God as the source of true life, where for him there is no possibility of default and material need, otherwise, it is to live a false happiness. However, according to the medieval thinker, also the Truth and Happiness are in a deep correlation line, in turn it can not be separated in any way. Thus, this study seeks to analyze this perspective according to the logic of the Augustinian thought, entering this way in the medieval thought, it is possible to know the God who dwells within man and, consequently, the happy life. We will see that it is through contemplation of God that the truth is revealed to man and he has the opportunity to find happiness, the goal for every human being.

Keywords: St. Augustine. Truth. Happiness. God. Man.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CONCEPÇÃO DE VERDADE EM SANTO AGOSTINHO	12
2.1	O itinerário de Santo Agostinho em busca da Verdade	12
2.2	Teoria do conhecimento e Verdade em Santo Agostinho	15
2.3	Conceituação de Verdade em Santo Agostinho	18
2.4	A coincidência da Verdade com Deus	20
2.5	O homem como lugar de encontro da Verdade	21
3	COMPREENSÃO DE FELICIDADE NO PENSAMENTO AGOSTINIANO	24
3.1	O conceito de Felicidade em Santo Agostinho	24
3.2	O meio para o homem alcançar a Felicidade	26
3.3	O ato beatificante	28
3.4	Felicidade terrestre e Felicidade eterna	31
3.5	A falsa felicidade	33
4	RELAÇÃO ENTRE VERDADE E FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO ...	35
4.1	A sabedoria é a medida da alma	35
4.2	A felicidade é busca da Verdade	37
4.3	O projeto de sociedade feliz em Agostinho	38
4.4	Deus, Verdade e Felicidade	41
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Os estudos realizados durante a graduação dão suporte para o amadurecimento no campo filosófico. Discutindo os pensamentos de muitos filósofos, alguns temas chamam mais atenção. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo analisar o tema da Verdade, relacionando-a com a Felicidade a partir do pensamento de Santo Agostinho, um dos grandes nomes da filosofia do medievo.

Na contemporaneidade onde pode ser facilmente visto que imperam o relativismo de valores, sobretudo fundamentados em ideologias que endeusam a economia, como valor supremo, o individualismo e o desrespeito à verdade fundamental, que é Deus. O conhecimento da Verdade e Felicidade em Santo Agostinho tem validade para a sociedade de atual, que em vez de valorizar Deus como valor supremo o substitui por diversos falsos valores que na sociedade são manifestados como: o dinheiro, o desejo de status, a ambição por tomar posse de materiais supérfluos etc.

O ser humano é um ser cheio de inquietações e interrogações. Visto que a Verdade e a Felicidade parecem ser realidades, a primeira vista imprecisas, e ao mesmo tempo tão desejadas, o tema da inter-relação entre verdade e felicidade vai de encontro à natureza do próprio homem. Embora se compreenda que tudo o que existe no mundo favorece a existência, não é o usufruto inconsciente do mundo que necessariamente conduz o homem a sua plena realização. É preciso perceber que existe uma Verdade que configura sua existência, que por sua vez desemboca na aquisição da Felicidade propriamente dita.

Diante do relativismo dominante no mundo em que vivemos, é importante salientar que o tema da Verdade e da Felicidade se estabelece como algo fundamental para o ser humano, uma vez que sem a verdade, não se pode ser feliz. Verdade e Felicidade vão além de uma temática filosófica, elas são indispensáveis para a existência humana.

Tem-se afirmado que a Verdade e a Felicidade são partes constitutivas da vida do homem. Para pensarmos sobre o que elas, de fato, representam, se faz necessário articularmos um estudo detalhado, delimitando os pontos em que estas realidades se relacionam e o impacto na vida de cada indivíduo. É imprescindível para cada pessoa descobrir o processo vincutivo existente entre verdade e felicidade, principalmente no contexto atual, quando, por vezes, ao se buscar a felicidade a qualquer preço, em detrimento dos valores primordiais da humanidade, se recai no vazio existencial.

Para argumentação e exposição deste TCC sobre *Verdade e Felicidade*, se pretende apresentar em três capítulos. No primeiro será tratada a concepção de Verdade em Santo

Agostinho, o qual menciona que o homem tem necessidade de conhecer sua alma e Deus para alcançar o conhecimento da Verdade. No segundo é postulado a compreensão de Felicidade em Santo Agostinho. Para ele, a Felicidade está na posse de Deus. E no ultimo capítulo é trabalhada a relação entre *Verdade e Felicidade* quando, o autor em estudo faz sua correlação na síntese presente em Deus.

Na construção desta dissertação tentamos ao máximo nos ater aos textos originais de Santo Agostinho, pois eles constituem alicerce da filosofia cristã antiga e por acreditarmos serem rico material de discussão filosófica e teológica. Além dos livros “Solilóquios” e “A Vida Feliz”, e de outras obras de Agostinho, a saber, *A Trindade*, *A Verdadeira Religião*, *Confissões*, *Contra os Acadêmicos*, *O Livre Arbítrio*, analisamos textos dos intérpretes e comentadores da obra de Santo, de suma importância para o desenvolvimento e argumentação do trabalho.

Agostinho apresenta nestes escritos uma lúcida teoria a respeito da *Verdade* e da *Felicidade* sob as perspectivas filosófica e teológica. O autor fundamenta o seu itinerário na sua experiência pessoal, ou seja, nas influências do contato com algumas pessoas e doutrinas num demorado processo espiritual e intelectual de crescimento.

As obras “Solilóquios” e “A Vida Feliz” focalizam mais nitidamente as questões da *Verdade e da Felicidade*, nelas o nosso autor evidencia que as realidades supremas devem ser a busca essencial da vida de cada ser humano. Segundo o mesmo autor, tais realidades, embora se apresentem mais plenamente no mundo imaterial, também se fazem presente na vida existencial, sendo necessárias para a realização da vida humana. Enfatizando o papel da razão na conquista da vida plena, o filósofo ressalta o papel da capacidade reflexiva na busca incessante da Verdade, que consiste na fruição das realidades presentes no intelecto divino.

Os temas da *Verdade* e da *Felicidade* na filosofia de Santo Agostinho, não são aleatório, este filósofo, em seus escritos, aborda constantemente estes temas, os quais são fundamentais no conjunto de sua produção intelectual. É conveniente a relação entre eles, pois conforme o pensamento agostiniano, um concorre para a compreensão do outro.

Santo Agostinho é um expoente da Patrística, sua filosofia é marcada pelo conhecimento e erudição. O estudo da sua literatura e a modesta interpretação que propõe-se neste trabalho se ampara na necessidades constantes do ser humano em conhecer a si mesmo e chegar à verdade.

Deseja-se nesse trabalho, clarificar a exposição destes dois temas: *Verdade e Felicidade* e suas inter-relações, no pensamento agostiniano.

2 CONCEPÇÃO DE VERDADE EM SANTO AGOSTINHO

O homem tem necessidade de conhecer sua alma e buscar a Deus para alcançar o conhecimento da Verdade, o que afirma Santo Agostinho. Para este filósofo, alcançando a Verdade, o homem também alcança Deus. Dentre as várias formas de conceber a ideia de Verdade, delinear-se-á a problemática da Verdade Suprema. De modo preciso, esta Verdade imutável, que coincide com Deus, Agostinho encontrou através de um itinerário filosófico e espiritual marcante.

2.1 O itinerário de Santo Agostinho em busca da Verdade

O itinerário percorrido por Santo Agostinho em busca da Verdade representou para a posteridade uma elevada contribuição nos estudos filosóficos e teológicos. Comentando quanto o caminho de Agostinho foi decisivo em sua vida e considerando-o, ao mesmo tempo, um dos mais importantes filósofos da Igreja, Reale e Antiseri (2007, p. 81) afirmam:

Agostinho (354-430) é o mais importante dos Padres da Igreja. Seu itinerário espiritual e filosófico foi muito articulado: a mãe Mônica, pela sua firme e tenaz fé, e o bispo Ambrósio, que lhe ensinou o método da exegese alegórica-filosófica da Bíblia, tiveram papel decisivo na sua conversão ao cristianismo. Sua formação cultural foi, sobretudo, de língua e de inspiração latina, marcada quando muito pela retórica, disciplina que Agostinho ensinou na África e em Milão.

Agostinho traçou um longo caminho em busca da Verdade, especialmente à procura do verdadeiro conhecimento. Neste intuito, frequentou escolas e se formou para a função de professor de retórica. Reale e Antiseri (2007, p. 81) nos oferecem a veracidade deste importante fato histórico: “Depois de ter frequentado as escolas em Tagaste e na vizinha Madura, conseguiu ir para Cartago, graças à ajuda financeira de um amigo de seu pai, para realizar seus estudos de retórica”. Essa ajuda desvelou, por outro lado, uma grande oportunidade para Agostinho: a experiência em outros lugares, em outras escolas e que, posteriormente, se firmará no curso acadêmico.

Na obra *Confissões*, sua autobiografia, o filósofo afirma que não foi propriamente um bom aluno, tendo em vista o fato de ser jovem demais e a falta de maturidade suficiente na ocasião. Relata que frequentemente era espancado por gazetear e principalmente por detestar a língua grega. No mesmo livro, encontra-se a passagem:

Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras, cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça. As pessoas grandes louvavam esta severidade. Muitos dos nossos predecessores na vida tinham traçado estas vias dolorosas, por onde éramos obrigados a caminhar, multiplicando os trabalhos e as dores aos filhos de Adão (AGOSTINHO, 2004, p. 47).

No seu itinerário, é marcante também a chegada de Agostinho a Milão, graças à ajuda dos maniqueus. Ali assumiu o cargo de professor oficial de retórica, depois de vencer as dificuldades com os estudos na juventude. O pensador de Tagaste foi seguidor, durante certo período, dos maniqueus, isto é, da seita maniqueísta. Viveu através do maniqueísmo uma experiência significativa: a religião herética lhe deixa uma sólida bagagem de conhecimento. Entretanto, ainda mais determinante é a mudança que acontece na sua vida com a sua conversão ao cristianismo. Convertido, deixa de lecionar para se dedicar a uma vida silenciosa em Cassiciaco. Conforme Reale e Antiseri (2007, p. 82):

[...] em Milão, entre 384 e 386, através de profundas reflexões espirituais, amadureceu sua conversão ao cristianismo. Consequentemente, Agostinho demitiu-se do cargo de professor oficial e retirou-se para Cassiciaco (na Briância), numa chácara, onde passou a levar uma vida em comum com os amigos, a mãe, o irmão e o filho Adeodato.

Ao optar pela vida silenciosa em Cassiciaco, ao lado de amigos e familiares, certamente pretende prosseguir neste lugar a sua profunda reflexão espiritual, a qual coincide com a sua busca pela Verdade. Em 387, um acontecimento decisivo confirma sua conversão. Agostinho recebe o batismo do bispo Ambrósio, responsável indireto pela sua adesão ao cristianismo. Inflamado pelas homilias do douto pastor, finalmente compreende e considera que a salvação do gênero humano está na grandeza do desígnio da verdade no coração. Assim faz notar nas suas *Confissões*:

Naqueles dias eu não me fartava de considerar a grandeza de teus desígnios para a salvação do gênero humano, pela inefável doçura que sentia. Quanto chorei ao ouvir, profundamente comovido, teus hinos e cânticos que ressoavam suavemente em tua igreja! Penetravam aquelas vozes em meus ouvidos, e destilavam a verdade em meu coração. Acendia-se em mim um afeto piedoso, corriam-me lágrimas dos olhos, e o pranto me consolava (AGOSTINHO, 2003, p. 196).

Agostinho (2004, p. 83), comentando a doutrina do literato Cícero, enuncia que já nestes seus estudos era movido para o reconhecimento de Deus, a quem antes rejeitava: “Segundo o programa do curso, cheguei ao livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que o coração, quase todos louvavam. Esse livro contém uma exortação ao estudo da filosofia.

Chama-se *Hortênsio*. Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós [...]”. A leitura de Cícero muda completamente o pensamento de Agostinho, levando-o a formular conceitos da realidade em que vive. Agora, a filosofia é um marco na busca do conhecimento da Verdade e determina ainda o contato com outros pensadores da época, além de encaminhar os seus esforços de compreensão para Deus, Sumo Bem.

É por isso que Agostinho (2004, p. 87) confessa: “Meu Deus, a Vós o confesso, a Vós que de mim Vos compadecesteis quando ainda Vos não conhecia, quando Vos buscava não segundo a compreensão da inteligência, mas segundo o raciocínio da carne”. Agostinho busca constantemente respostas em Deus, por acreditar que nele está à fonte da Verdade, aquela capaz de solucionar suas interpelações. A autêntica fonte de Verdade não pode ser o simples raciocínio da carne, mas uma razão superior a si mesma, que governa sua vida.

Com essas expressões o autor tratou a busca da Verdade, na forma de um apelo à vida interior: “Onde estava quando Vos procurava? Vós estáveis diante de mim; porém eu apartava-me de mim e, se nem sequer encontrava a mim mesmo, muito menos a Vós!” (AGOSTINHO, 2004, p. 124). A Verdade é, para Agostinho, um tema primordial.

Foi justamente o esforço por encontrá-la que o conduziu ao maniqueísmo. “Já tinha vindo para Cartago o bispo dos maniqueístas, chamado Fausto [...] conhecedor das artes liberais” (AGOSTINHO, 2004, p. 124-125). A relação com Fausto lhe possibilita uma nova visão da realidade, fundamental em seu caminho de busca da Verdade. Embora reconheça que a conversa com Fausto seja agradável, não aceita prender-se à teoria do maniqueísmo. Sobre esta relação decisiva, Agostinho (2004, p. 130) explica:

A avidez com que durante tanto tempo esperei Fausto deleitava-se enfim no ardor e sentimento com que ele discutia, nos termos apropriados e na facilidade com que lhe ocorriam as palavras para adornar a frase. Gostava pois de o ouvir.[...] Pois isso, logo que se me ofereceu oportunidade, comecei com meu amigos a entrevistá-lo, numa ocasião em que não nos era indecoroso discutir. Expus-lhes algumas dúvidas das que me preocupavam. Notei que das artes liberais apenas sabia a gramática, e, ainda esta, de modo nada extraordinário.

Santo Agostinho desenvolve habilidades para discutir com Fausto, a quem antes só ouvia. Pode, enfim, expor sua dúvida a respeito da teoria maniqueísta que lera nos livros recheado de fábulas, como atesta nas Confissões:

Os livros desta seita, na verdade, estão recheados de intermináveis fábulas, acerca do céu, dos astros, do Sol e da Lua. Já não esperava que me pudesse explicar argutamente aquelas teorias, como eu ardentemente desejava, comparando-as com os cálculos astronômicos, que eu em outras partes lera, a ver se era preferível a

solução que os maniqueístas davam ou se, pelos menos, apresentavam igual explicação (AGOSTINHO, 2004, p. 131).

No seu itinerário, Agostinho procurou ler outros filósofos que lhe pudessem ajudar na formulação do entendimento da Verdade. “Como eu tinha lido muitos filósofos e conservava na memória as suas teorias [...]. As doutrinas dos filósofos pareciam-me mais prováveis porque se mostraram com poder de avaliar o tempo presente, ainda que de modo algum encontrariam o seu Deus” (AGOSTINHO, 2004, p. 125). Nas *Confissões*, Agostinho (2004, p. 137) dá a entender o drama da incerteza que lhe abate: “Mas, já desesperado de poder alcançar a verdade por meio desta falsa doutrina, resolvera ir-me contentando com ela, caso não encontrasse outra melhor. No entanto, conservava-a com frouxidão e negligência”.

O contato com o livro de Cícero despertou repugnância segundo passagem da sua obra *Confissões*: “O que senti, quando tomei nas mãos aquele livro, não foi o que acabo de dizer, senão que me pareceu indigno compará-lo à elegância ciceroniana. A simplicidade repugnava ao meu orgulho e a luz da minha inteligência não lhe penetrava do íntimo” (AGOSTINHO, 2004, p. 84). Ante as incertezas, Agostinho (2004, p. 85) clama, então, a Verdade, sempre de algum modo escondida: “Ó Verdade, Verdade, pela qual intimamente suspiravam as fibras da minha alma, ainda mesmo quando eles frequentemente e de muitos modos te pronunciavam apenas com lábios e te liam em muitos e volumosos livros!”.

O caminho que Agostinho desenvolveu quanto à busca da Verdade tornou-se um marco para a filosofia. Depois de analisar brevemente a sua busca incessante da Verdade, tratar-se-á no tópico seguinte sobre como julgou ser possível alcançá-la, através de uma teoria do conhecimento iluminadora.

2.2 Teoria do conhecimento e Verdade em Santo Agostinho

A teoria do conhecimento visa a iluminar a mente do homem para a Verdade, levando-o a compreender em que consiste a relação entre capacidade humana e conhecimento seguro. Neste campo, “Agostinho aproxima-se da doutrina platônica segundo a qual todo conhecimento é reminiscência” (PESSANHA, 2004, p. 16).

Além de recordar elementos do passado, na concepção agostiniana, o homem tornar-se-á grande conhecedor das realidades de sua própria natureza e da alma. Nele reside a plena possibilidade de conhecer e ascender a Deus, a fim de encontrar a Verdade suprema. Conforme Silva (2005, p. 37):

É em sua 'teoria do conhecimento' que Santo Agostinho apresenta ao homem a possibilidade de conhecer mais sobre sua própria natureza e sobre sua alma, dando início a uma ascensão consciente em direção a Deus e objetivando encontrar a 'prova da existência divina'. Na 'teoria do conhecimento' a existência, a vida e a razão humana são prerrogativas da capacidade do homem conhecer a Deus e são nomeadas por Santo Agostinho como as três intuições do espírito humano.

Silva afirma que, para o bispo de Hipona, a Verdade também constitui uma forma de conhecimento e, por isso, pertence à 'teoria do conhecimento'. Nesta teoria, a existência, a vida e a razão são intuições do espírito humano.

Na teoria do conhecimento agostiniana, como parte essencial da sua elaboração, está a doutrina da iluminação divina. De influência platônica, equivale a uma metáfora da célebre alegoria da caverna na qual se revela o prenúncio ao conhecimento. Em última instância, afirma o resultado do Bem, considerando-o como um sol que ilumina o mundo inteligível. Santo Agostinho, em *Solilóquios*, fundamenta sua teoria explicitando ser uma atividade do sol iluminar o mundo e o universo incontável das coisas a que se podem conhecer.

Agora, uma vez que o mundo presente nos dá a oportunidade, aceita, enquanto eu ensino, alguma coisa a respeito de Deus com base na analogia das coisas sensíveis. Deus é inteligível e também inteligíveis são as proposições das ciências, porém, diferem em muito. Pois a terra é visível, como também o é a luz; mas a terra, não pode ser vista se não for iluminada pela luz. Por isso, as coisas que alguém entende que são ensinadas nas ciências, sem dúvida alguma ele as admite como verdadeiras, mas deve-se crer que elas não podem ser entendidas se não forem esclarecidas por outro, como que por um sol. Como no sol podem-se notar três coisas: que existe, que brilha e que ilumina, assim também no secretíssimo Deus, a quem tu desejas compreender [...] (AGOSTINHO, 1998, p. 34).

A analogia entre o sol e a fonte de inspiração divina desemboca na compreensão de que o homem recebe de Deus seu conhecimento. Para Santo Agostinho, a finalidade do homem, enquanto ser racional, é a busca da Verdade. Nas reflexões do filósofo de Tagaste, por sua vez, a Verdade define-se sendo o Verbo de Deus, portanto, fonte de felicidade, cujo alcance é meta de perfeição para os homens. No âmbito salutar desta questão, a partir da doutrina da iluminação divina, o pensador demonstra que o homem recebe de Deus o conhecimento imprescindível, mas só chega a conhecê-la com a mente purificada, isto é, iluminada pela luz divina. Agostinho (2007, p. 98), na obra *Verdadeira Religião*, afirma ser a Verdade transcendente à existência do homem:

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudança, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão.

De acordo com a contribuição de Agostinho, entende-se o conhecimento como elemento fundante do homem, não pode ser encontrado fora. O homem recebe a iluminação e dela depende o conhecimento, na fonte da própria luz da razão. Com esta argumentação, o autor sugere critérios que vão de encontro ao princípio da Verdade. Alguns comentadores de Agostinho procuram explicitar bem tal argumentação nos escritos do filósofo. Na compreensão do pensador medieval, é possível negar a verdade para se deduzir uma verdade. A quem pensa corresponde à capacidade de descobrir a Verdade que perpassa o coração do homem. (REALE; ANTISERI, 2007, p. 90).

A dúvida cética derruba a si mesma, dado que, no memento em que pretende negar a Verdade, acaba por reafirmar: *Si fallor, sum*; se duvido, precisamente por poder duvidar, existo e estou certo de pensar. Nessa argumentação, Agostinho sem dúvida antecipou o cogito cartesiano – *cogito, ergo sum* –, embora os objetivos específicos a que visava fossem diferentes dos de Descartes conforme Reale e Antiseri (2007, p. 90).

A dúvida cética foi fundamentalmente importante na elaboração da teoria do conhecimento agostiniana. A modalidade está de acordo com o filósofo, está no pensamento à prova dele mesmo, já que, mesmo para duvidar, é ainda necessário inteccionar. Não há saída: ainda para aquele que não crê em nada, o próprio fato de não crer, ou seja, a mera existência daquele que intecciona é, segundo Santo Agostinho, prova incontestável da existência da consciência que se pensa, ou seja, da consciência que conhece. Ramos (1984, p. 75), recolhendo o epistolário do bispo de Hipona, comenta:

‘Sapiência imutável’, ‘Verdade sempre idêntica a si mesma’— pela qual ‘é iluminada a própria sapiência humana’—, e que constitui ‘o bem supremo, a causa do universo e o fundamento da razão’ (Ep. 118,3,15.20) ‘... Esta verdade é Deus mesmo... Nada é mais belo que a própria verdade inteligível e imutável’ (ibid 4,23). ‘A existência desta pura e simples sapiência e verdade, pela qual toda alma, que é capaz disto, torna-se sapiente e veraz, não supera a inteligência de certos homens, enquanto lhes é dado... E tal verdade deve-me ser cara... porque é a verdade, muito embora nenhum filósofo a houvesse jamais conhecido!’ (ibid 4,26).

A iluminação orienta finalmente o homem para Deus, Sumo Bem, como pretende concluir Ramos (1984, p. 87). Segundo a teoria do conhecimento de Santo Agostinho, é Deus que ilumina a consciência do homem pela luz natural da razão.

2.3 Conceituação de Verdade em Santo Agostinho

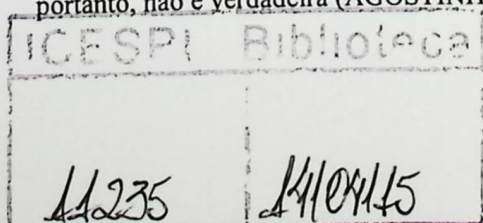
Para Reale e Antiseri a conceituação de Verdade é apontada como uma problematização marcada por ricas perspectivas:

Procura o que fascina no prazer do corpo: encontrarás apenas a harmonia. Uma vez que os contrastes produzem dor, os acordes produzem prazer. Reconhece, portanto, qual é a perfeita harmonia. [...] A verdade habita no homem interior. E se descobrires que tua natureza é mutável, transcende também a ti mesmo. Mas, lembra-te, quando transcendes a ti mesmo, transcendes a alma racional. Tende, portanto, para onde se acende a própria luz da razão. Aonde chega, com efeito, todo aquele que bem raciocina, senão à verdade? Isso porque a verdade não alcança a si mesma com o raciocínio, mas é aquilo a que tendem aqueles que raciocinam. Vê aí uma harmonia que não tem igual, e liga-te a ela. Reconhece que não és aquilo que ela é; justamente porque não procura a si mesma; ao contrário, chegaste a ela procurando-a, não de um lugar para outro, a fim de que o homem interior se ligue àquilo que nele habita com um prazer não ínfimo e carnal, mas sumo e espiritual (AGOSTINHO apud REALE; ANTISERI, 2007, p. 106).

Santo Agostinho procura demonstrar que a Verdade não procura a si mesma. Em seu coração, existia essa inquietação em relação à transitoriedade que, muito provavelmente, não lhe favorecia compreender a fundo a Verdade, além de tudo aquilo que lhe pulsava na alma tão constante a ponto de levantar respostas a tal questionamento. Entendeu também que era dado ao homem o direito de conhecer a Verdade. Onde está, portanto, a Verdade para Santo Agostinho? Em dado momento assevera que os objetos, passando por nossos sentidos, podem ser um meio de conhecer a verdade ou não. A propósito, Agostinho faz um diálogo com a sua razão sobre o que é a verdade na obra *Solilóquios*. Ali se diz, por exemplo: “Aqui está uma pedra, que é verdadeira, uma vez que não é diferente do que parece. Se não é verdadeiro, não é pedra; e não pode ser percebida senão pelos sentidos” (AGOSTINHO, 1998, p. 66).

O pensador esforça-se por olhar o mundo à sua volta, de modo a compreender a verdade pela afirmação da existência de um objeto presente na natureza. Ao olhar a pedra, por exemplo, deduz que pode existir ou não; se não é verdade, deixa de ser pedra e pode ser outra coisa. A verdade parece que está ao alcance de nossos olhos, naquilo que o homem observa. O que existe pode ser já um princípio da existência da verdade.

[...] Se se fechar bem os armários, eles não conterão nada, por mais coisas que se tenha posto dentro deles. A própria madeira não é madeira na parte interna, pois escapa a todos os sentidos aquilo que está na profundidade de um corpo não transparente; deduz que não existe. Porque, se existisse, seria verdadeira; não é verdadeiro senão aquilo que realmente é como parece. Já aquela madeira não se vê; portanto, não é verdadeira (AGOSTINHO, 1998, p. 66).



No diálogo com a própria razão, o filósofo tenta demonstrar objetivamente que, olhando um armário fechado, não é possível conhecer o que está dentro dele e tampouco saber que a madeira na parte interior escapa os sentidos. Isso implica que os olhos do humano são limitados em relação aos objetos. O que se afirma ainda é que o armário é algo presente e que somente pela visão não se conhecem totalmente as coisas. Para ele, é preciso perceber as coisas corpóreas pelos sentidos.

Em *Soliloquios*, Agostinho (1998, p. 67) procura conceituar a Verdade: “Verdade é aquilo que é como parece à pessoa como conhece, se ela quer e pode conhecer”. Todavia, a verdade se concretiza, para ele, na manifestação dos objetos, de como se apresentam aos nossos olhos, ao passo que ao ter contato com as coisas ou a realidade presente pode-se conhecer a verdade. Agostinho considera, então, que os homens podem conhecer aquilo que sentem e, ao mesmo tempo, o que procuram conhecer. O que aparece na consciência é possível à mente verificar quanto ao seu sentido. Não será diferente, no mundo real, poder dizer que a pessoa conhece aquilo que vem ao seu encontro. O real passa pelos sentidos, refletidos, por sua vez, na alma da criatura.

Com efeito, para Santo Agostinho, a Verdade imutável coincide com o próprio Deus, que contém em si todas as coisas mutáveis e verdadeiras. Na obra *Livre Arbítrio*, lê-se: “Consequentemente, de modo algum poderias negar a existência de uma imutável que contém em si as coisas mutáveis e verdadeiras. E não as poderás considerar como sendo tua ou como exclusivamente minha, nem de ninguém” (AGOSTINHO, 2008, p. 116). Nesta perspectiva, o autor, na obra *A Trindade*, refere-se a Deus como à Verdade e à luz que iluminam a alma oprimida:

Ó alma, olha bem, se o podes, oprimida que estás pelo peso do corpo sujeito à corrupção e curvada sob múltiplos e variados pensamentos terrenos. Olha bem, e compreende, se o podes: Deus é a verdade! (Sb 9,15). Com efeito, está escrito: Deus é luz (AGOSTINHO, 2008, p. 263).

Santo Agostinho conceitua Deus como a Verdade que está dentro do homem, como a riqueza suprema da sua interioridade. Esta Verdade coincidente com a Verdade de Deus será percorrida a seguir.

2.4 A coincidência da Verdade com Deus

Santo Agostinho propõe que a Verdade é uma demonstração da existência da certeza; logo, a Verdade coincide com a demonstração da existência de Deus. Essa Verdade presente no espírito e princípio de toda Verdade é precisamente Deus, uma Verdade mais que verdadeira, capaz de perpassar o espírito humano. Trata-se da Verdade invocada em *Solilóquios*: “Eu te invoco, Deus Verdade, em que, por quem e mediante quem é verdadeiro tudo o que é verdadeiro” (AGOSTINHO, 1998, p. 16). É a Verdade-Medida de tudo o que existe por excelência no pensamento da criatura. No que se pode constatar, a natureza de Deus, como algo de perfeição, faz tudo preceder dela mesma, natureza imutável, enquanto faz diferente a natureza da criatura, pela condição radical de que não é Deus. “Deus, que nos despes daquilo que não é e nos revestes daquilo que é. Deus, que nos fazes dignos de ser ouvidos. Deus, que nos fortificas. Deus, que nos atraís para toda a verdade” (AGOSTINHO, 1998, p. 17). Essa Verdade reveste a criatura humana de um conhecimento especial quando se dirige para dentro de si mesma. Assim, encontrar a Verdade é motivo de imensa alegria e esperança, como esclarece Agostinho (2004, p. 259) na sua autobiografia *Confissões*:

Fazei que eu vos conheça, ó Conhecedor de mim mesmo, sim, que vos conheça como de vós sou conhecido. Ó virtude da minha alma, entrai nela, adaptai-a a Vós, para a terdes e possuídes sem mancha nem ruga. É esta a esperança com que falo, a esperança em que me alegro quando gozo de uma alegria sã. Os outros bens desta vida tanto menos se deveriam chorar quanto mais os choramos; e tanto mais se deveriam chorar quanto menos os choramos. Mas Vós amastes a verdade, pelo que quem a pratica alcança a luz. Quero-a também praticar no meu coração, confessando-me a Vós, e, nos meus escritos, a um grande número de testemunhas.

Entende-se, então, porque Agostinho é amante da Verdade. O amor à Verdade o leva a tomar todos os bens desta vida como secundários. Para ele, o que prevalece propriamente é a prática da Verdade, a fim de alcançar a luz como caminho de posse da suprema Verdade e, conseqüentemente, de Deus mesmo. O autor ressalta que o homem procura encontrar Deus por ter dentro dele uma força que o torna capaz de encontrá-lo, tendo em vista não o mundo exterior, mas o encontro de si mesmo (REALE; ANTISERI, 2007, p. 106).

A Verdade não pode ser encontrada no mundo exterior, mas a sua procura consiste em avançar rumo à própria interioridade, a qual reflete a imagem de Deus e, na visão agostiniana, coincide com Deus.

Para Agostinho a verdade suprema coincide com Deus: para alcançar Deus e encontrar, portanto, a verdade, não devemos nos dirigir para o exterior, mas

devemos encontrar de novo em nós mesmo, e procurar em nossa interioridade: aí habita a verdade, em nossa alma, que é um reflexo e uma imagem de Deus, a própria luz da razão (REALE; ANTISERI, 2007, p. 106).

A razão recebe de Deus a capacidade para refletir os próprios vícios, revelados no encontro de si mesmo. A alma acolhe de Deus sua sabedoria e nada mais que a Verdade pode ser seu único fim e possibilidade de resgate da beleza originária.

O que, portanto, impede que a alma recorde a originária beleza perdida, quando ela pode fazê-lo a partir de seus próprios vícios? Assim, com efeito, a sabedoria de Deus se estende com força de um confim ao outro. Assim, por meio dele, o sumo artífice ligou ordenadamente suas obras para a direção do único fim da beleza. Assim a sua bondade, a partir das criaturas mais altas até as mais baixas, não negou alguma beleza, que apenas dele podia provir, de modo que ninguém pode se afastar da verdade e não ser tomado por algum sinal dela (AGOSTINHO apud REALE; ANTISERI, 2007, p. 106).

A Verdade conduz o homem, portanto, na direção do único fim de beleza que é Deus. O homem é o lugar de encontro desta Beleza Suprema.

2.5 O homem como lugar de encontro da Verdade

O homem, na concepção do bispo de Hipona, é o lugar de encontro com a Verdade. Enquanto ser racional, o homem é capaz de refletir sua existência e possui os meios que o conduzem ao encontro consigo mesmo, a fim descobrir esta Verdade. Ele reconhece ainda que o homem é ser dualista, ou seja, composto por alma e corpo, o que sugere a descoberta do mistério que representa. Para Santo Agostinho, que procurou a Verdade num longo processo de encontro consigo, culminante na sua conversão, entende-se que “ninguém se afasta dessa verdade sem se encontrar em face de certa imagem da mesma verdade” (AGOSTINHO, 2007, p. 98).

O homem é a imagem da Verdade por excelência. Ao refletir tal Verdade e tendo-a como posse em sua existência pode finalmente compreender-se na substância de sua natureza. Deduz-se de imediato que o homem deve corresponder à Verdade. Ele, sacrário da Verdade, nunca pode imaginar sem espanto, mas a própria Verdade habitou seu coração humano. Na obra *A Verdadeira Religião*, Agostinho explicita:

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que

raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão (AGOSTINHO, 2007, p. 98).

Para o autor, a Verdade habita no coração do homem também por ser o lugar privilegiado dos sentimentos. A Verdade deseja fazer parte de sua vida. É algo imaterial e que, ao mesmo tempo, conduz o homem ao seu ser. Pela força que ela lhe desperta interiormente, o homem tenta conhecer ou pelo menos impele-se a buscar de maneira precisa todo o conhecimento necessário para o encontro com a Verdade.

Agostinho destaca que o homem necessita conhecer a alma para conhecer a Deus, já que Deus tem como morada a alma da criatura humana. Pode-se afirmar que o homem é composto de alma e corpo, e a Verdade, dentro dele, habita o coração; desse modo, percebe-se como todo homem e o homem todo é o único ser que participa dessa Verdade. O homem, enquanto criatura participa com Deus das verdades, pois sua alma vem diretamente dele, logo as verdades também estão dentro da alma humana. Aquilo que o homem busca lhe desperta por uma força sobrenatural, levando-o a abraçar sua natureza com estupenda sabedoria, sobressaltando o verdadeiro encontro com o Mediador entre Deus e os homens.

Buscava um meio para me prouver de forças a fim de ser apto para gozar-vos, mas não o encontraria, enquanto não abraçasse “o Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem-Deus bendito por todos os séculos, que está acima de todas as coisas”. Ele chamava-me e dizia: “Sou o caminho, a verdade e a vida”. Eu também devia crer que o alimento que era incapaz de tomar se uniu à carne, pois “o Verbo se fez homem”, para que vossa Sabedoria, pela qual criastes tudo, se tornasse o leite da nossa infância (AGOSTINHO, 2004, p. 192).

Para o douto eclesiástico medieval, o homem é o ser capaz de conhecer as coisas. Sua Verdade consiste no absoluto e acontece no grande encontro que faz com sua interioridade. A Verdade é tudo, a supremacia do existir. No escrito *A Verdadeira Religião*, Agostinho (2007, p. 99) afirma àquele que pensa poder chegar à Verdade pelo próprio raciocínio que este desejo se dá apenas pela fruição do espírito:

Aonde pode chegar, com efeito, todo bom pensador senão até a Verdade? Se a Verdade não é atingida pelo próprio raciocínio, ela é justamente, a finalidade da busca do raciocínio. [...] Confessa que tu não lhe és idêntico, visto que ela nada precisa procurar para si mesma, ao passo que tu vieste a ela, procurando-a, não a percorrer espaços, mas pelo desejo de teu espírito. Foi ele que te fez encontrá-la, não com fruição carnal e baixa, mas com sumo deleite espiritual. Tudo para que o homem interior se harmonize com Aquele que nele habita.

3 COMPREENSÃO DE FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Pretende-se apresentar neste capítulo, sobretudo a partir da obra *A Vida Feliz*, a discussão agostiniana em torno da felicidade, um tema fundamental para a antiguidade. O que Agostinho quer fazer entender na referida obra, através de um diálogo que segue por três dias após a ocasião do seu aniversário, é que “[...] a vida feliz existe no sábio exclusivamente, e em sua alma, qualquer o estado do seu corpo” (FIOROTTI, 1998, p. 111). A influência do tema sobre a reflexão de Santo Agostinho, segundo Fiorotti (1998, p. 112), se deu “[...] a partir da leitura do *Hortênsio* de Cícero, obra que o converteu ao gosto da filosofia”.

O caminho percorrido tem como figura a navegação para compreensão da felicidade: sendo os homens os navegantes; o porto, a filosofia; e a terra firme, a felicidade. No mar, se encontra um rochedo do orgulho. Para o bispo de Hipona, alguns homens se perdem do porto e da terra firme, outros retornam para o rochedo. Há ainda alguns que permanecem em terra firme. Os que ficam em terra firme têm a alma bem alimentada e agem, são sábios, ao passo que os que se perdem ou retornam para a navegação, ou mesmo os que ficam no rochedo, têm suas almas mal alimentadas, não havendo em suas almas presença do conhecimento e das ciências.

Desta forma, tendo diante si as próprias experiências, Agostinho quer trilhar uma lógica capaz de ir ao encontro da vida feliz. Fiorotti (1998, p. 119) confirma: “Ora, todos esses navegantes levados de diversas maneiras à terra firme da vida feliz hão de temer com veemência e evitar com suma cautela, alto escolho que se ergue na entrada mesma do porto, oferecendo grandes perigos aos que aí ingressam”. O fio condutor desta seção consiste na conceituação de felicidade conforme o pensamento de Santo Agostinho.

3.1 O conceito de Felicidade em Santo Agostinho

A preocupação com o conceito de felicidade não é uma inovação de Agostinho, trata-se de um tema bem discutido na Antiguidade. Ressalte-se, por exemplo, como “os grandes filósofos da Antiguidade dedicavam-se à filosofia como caminho que conduz à felicidade” (FIOROTTI, 1998, p. 112). Muitos filósofos antigos atribuíram ao assunto uma ótica divergente do senso comum, discutindo a felicidade justamente fora de manifestações comuns de euforia e vida abastada, como prazer, gozo, honra e riqueza.

Filósofos com Sócrates, Platão, Aristóteles, combateram estas concepções “materialistas”, “mundanas” de felicidade. Para eles, a felicidade, isto é, a “posse de um bem supremo” consiste em aperfeiçoar-se como homem, ou seja, em desenvolver aquelas atividades que diferenciam o homem de todas as outras coisas. [...] A riqueza torna o homem insensato, pois quem quiser viver feliz deve viver segundo a razão, não segundo a riqueza (FIOROTTI, 1998, p. 113).

Na autobiografia *Confissões*, Agostinho (2004, p. 279) aborda de modo polêmico o desejo subjetivo de ser feliz, o mesmo que exige do homem a procura da felicidade como necessidade original a que deve obrigatoriamente corresponder algum bem superior digno de ser buscado:

Como procurar, então, a vida feliz? Não a alcançarei enquanto não exclamar: “Basta, ei-la”. Mas onde poderei dizer estas palavras? Como procurar essa felicidade? Como? Pela lembrança, como se a tivesse esquecido, e como se agora me recordasse de que a esqueci? Pelo desejo de tratar de conhecimento com uma vida, para mim incógnita, ou porque nunca a cheguei a conhecer, ou porque já a esqueci tão completamente, que nem sequer me lembro de a ter esquecido? Então, não é feliz aquela vida que todos desejam, sem haver absolutamente ninguém que a não queira? Onde a conheceram para assim a desejarem? Onde a viram para amarem? Que a possuímos, é certo. Agora, o modo é que eu não sei.

O caminho do homem rumo à felicidade desperta nele verdadeira esperança, mas permanecer tão somente nesta condição não confere plenitude à felicidade. “Há quem seja feliz simplesmente em esperança. Estes possuem a felicidade de um modo inferior ao daqueles que já são realmente felizes” (AGOSTINHO, 2004, p. 279). Santo Agostinho (2004, p. 279) chega a dizer: “Não sei como conheceram a felicidade, nem por que noção a aprenderam”. A dificuldade apresentada pelo autor quanto a conhecer a felicidade em certas circunstâncias, parece decorrer da condição de ser um enigma em princípio. Por outro lado, continua o douto eclesiástico: “Se obtiver o que desejo, bastar-me-á um ligeiro esforço para atingir, sem dificuldade, aquela vida feliz” (AGOSTINHO, 1998, p. 122).

É fundamental deleitar-se da vida feliz, afinal, todo homem foi criado por Deus para viver de modo pleno a felicidade. Agostinho (1998, p. 123), reconhecendo o valor deste desígnio, exclama: “Oferta esta [da felicidade] que julgo corresponder de modo justo a meu intento, posto que tratamos entre nós a respeito da vida feliz. Nada vejo de mais apropriado do que tal vida, a merecer o título de dom de Deus”. A vida feliz é encontro com o próprio Deus, em cuja sabedoria reside a pura e verdadeira felicidade do homem. Agostinho (1998, p. 282) diz ainda: “A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira. Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria...”.

Para Santo Agostinho, o homem é criatura contagiada da grande alegria que só vem de onde não há outro. Esta alegria marca profundamente a existência humana, impulsionando-a para o encontro da verdadeira alegria. O homem, contudo, possui desejos e, para o encontro com a vida feliz, deve antes de tudo aspirá-la. “Portanto, está entendido, entre nós, que ninguém pode ser feliz, sem possuir o que deseja e, por outro lado, não basta aos que já possuem ter o ambicionado para serem felizes” (AGOSTINHO, 1998, p. 129). O desejo tem importância peculiar na garantia da felicidade, não basta ao homem só ambicionar. A discussão toma espaço na obra *A Vida Feliz*:

- Pois bem, prossegui, admitis ser infeliz o homem que não é feliz?
- Sem a menor dúvida.
- Logo, é infeliz quem não possui o que deseja?
- Todos aprovaram.
- Então, o que o homem precisa conseguir para ser feliz? Eis talvez aí bom suplemento ao nosso festim, pois precisamos não esquecer o grande apetite de Licêncio. Imagino eu que tal homem desejoso da felicidade deva obter tudo quanto pode querer, à sua vontade? (AGOSTINHO, 1998, p. 129)

Santo Agostinho é convicto de que, por parte do homem, existe certamente um desejo proeminente de buscar a felicidade, pois sua vida entrelaça-se no auge deste desejo subjetivo. O homem é, de fato, o instrumento pelo qual atua a perfeita possibilidade de felicidade.

3.2 O meio para o homem alcançar a Felicidade

Santo Agostinho (1998, p. 56) está convencido de que o homem pode alcançar a felicidade desde que aspire ao verdadeiro conhecimento, caso contrário, sem ele, torna-se infeliz e ignorante:

- R. E se o próprio conhecimento das coisas te tornar infeliz?
- A. Creio com certeza que isso não pode ocorrer de modo algum. Mas se for assim, então ninguém pode ser feliz; pois não há outra razão por que agora sou infeliz senão a ignorância das coisas. Então se conhecimento das coisas torna alguém infeliz, a infelicidade é eterna.

O homem que vive segundo seus desejos, por exemplo, nunca será feliz, pois sua vida é causa de males:

Há certos homens- certamente não filosóficos, pois sempre prontos a discordar- que pretendem ser felizes todos aqueles que vivem a seu bel-prazer. Mas tal é falso, de todos os pontos de vista, porque não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos infeliz por não conseguires o que queres, do que por ambicionar

obter algo inconveniente. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens (AGOSTINHO, 1998, p. 128).

O homem que procura unicamente desfrutar dos bens materiais possui, certamente, uma felicidade falsa, não correspondente ao Bem imperecível. Sua vontade é fator determinante para os maiores males. Silva, a respeito, comenta: (2005, p. 53): “Para Santo Agostinho, coisas que são perecíveis e impermanentes não podem jamais ser causa de felicidade, pois, se o homem estiver na eminência de perder aquilo que o faz feliz, não poderá afirmar que ‘possui’ felicidade”. A declaração é originalmente afirmada pelo doutor medieval segundo seu comentador: “Por conseguinte estamos convencidos de que se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés da sorte” (SILVA, 2005, p. 53).

É salutar ao homem ter consciência do objeto de sua busca, a felicidade, de maneira que, se ele perde o dom precioso que lhe preenche como ser de felicidade, logo torna-se infeliz. “Portanto, está entendido, entre nós, que ninguém pode ser feliz, sem possuir o que deseja e, por outro lado, não basta aos que já possuem ter o ambicionado para serem felizes” (AGOSTINHO, 1998, p. 129). A felicidade só é possível quando existe em nosso interior um desejo que nos move a alcançá-la.

Contudo, vale realçar que, para Agostinho (1998, p.126) o homem continua um ser de desejos e, por isso, carente. “Pois, do mesmo modo como o corpo, privado de alimento, fica exposto a doenças e reações malignas decorrentes de inanição, assim o espírito ignorante está impregnado de doenças provenientes de suas carências”. Além do desejo, há ainda na vida do homem a dimensão do nada e do vazio. Isto porque a carência, para Santo Agostinho (1998, p. 126), é a “mãe de todos os vícios, pois vem a ser o nada e o vazio”.

Em suas *Confissões*, declara: “Quem recorda esta felicidade, recordá-la-á como a cidade em Cartago, quem a viu? Não; a felicidade não é um corpo, e por isso não se vê com os olhos” (AGOSTINHO, 2004, p. 280). Em outra passagem continua: “Eu lembro-me da alegria passada, mesmo quando estou triste, e penso na felicidade, quando me encontro desolado. Nunca vi, nem ouvi, nem cheirei, nem gostei, nem apalpei a alegria com os sentidos corporais. Simplesmente a experimentei na alma quando me alegrei” (AGOSTINHO, 2004, p. 280-281).

O filósofo de Tagaste concorda, enfim, que absolutamente todos visam à felicidade, e esta encontra-se em cada homem. Todos a procuram sem hesitação, e seu caráter subjetivo faz dela independente de estado de vida. Nas palavras de Agostinho (2004, p. 281):

Se perguntarmos a dois homens se querem alistar-se no exército, é possível que um responda que sim, outro que não. Porém, se lhes perguntarmos se querem ser felizes, ambos dizem logo, sem hesitação, que sim, que o desejam, porque tanto o que quer ser militar como o que não quer têm um só fim em vista: o serem felizes.

O pensador africano assevera categoricamente que é natural em todos os homens o anseio pela felicidade, não importa a forma sob a qual pareça. De fato, “os homens de todas as línguas têm um desejo ardente de alcançar. E assim, se fosse possível perguntar-lhes a uma só voz se ‘queriam ser felizes’, todos, sem hesitação, responderiam que sim” (AGOSTINHO, 2004, p. 280).

Conclui-se aqui a clareza sem reserva de que o homem deseja ser feliz. Ele que é propriamente o meio de alcance da compreensão de felicidade tão desejada no prolongamento de existência humana. Para Agostinho, é unânime entre os homens o desejo de ser feliz. Pelo fato de que a vida vai além desta realidade temporal, toda a sua concretude em prol da felicidade conduz a um ato beatificante que se fundamenta em Deus. Neste âmbito desvela-se a oportunidade de tratar o ato beatificante na lógica agostiniana.

3.3 O ato beatificante

Santos (2008, p. 25) ressalta que “a felicidade é um tema que sempre esteve presente nos questionamentos humanos”. O ato beatificante corresponde à dimensão humana do desejo viável de querer ininterruptamente buscá-la, e felicidade é aqui entendida como a posse de Deus.

A felicidade, desse modo, está em Deus. A busca agostiniana pela felicidade postula precisamente três opiniões no favorecimento do que seja beatitude. É a partir daí que Agostinho (1998, p. 137-138) formula sua ideia sobre a felicidade: “[...] Uns estimaram que possui a Deus quem faz o que Deus quer. Outros opinaram que o possui quem vive bem. Os demais afirmaram que Deus está presente naqueles em quem não reside o espírito denominado impuro”.

Contudo, ao desenvolver que Deus é a felicidade do homem e condição para a vida feliz, conclui, ao mesmo tempo, que toda ação do homem lhe conduz à presença do Absoluto, pois sua demonstração leva o homem a atingir o Bem primordial que tanto deseja.

Segundo as três opiniões, a felicidade consiste em possuir a Deus, fazendo a sua vontade, vivendo bem ou cultivando um espírito puro. Sobre elas, Agostinho (2008, p. 138) comenta: “Pois, se considerarmos os dois primeiros pareceres, vemos que quem vive bem faz

a vontade de Deus; e quem faz o que Deus quer vive bem”. Conforme o autor, obedecer à vontade de Deus e viver bem estão em acordo, ou seja, aspirar à vontade divina conduz a que o homem viva bem consigo mesmo e com os outros. Certamente, Agostinho considera que o homem, ao possuir Deus, não tem mais necessidade de buscá-lo, e sua vida é toda atingida por esta beatitude. Nisto se deduz que um completa o sentido do outro, a saber, quem possui a Deus vive bem e vice versa. “Quanto à terceira opinião é preciso examiná-la com um pouco mais de atenção” (AGOSTINHO, 2008, p. 138).

O douto bispo de Hipona admite dois sentidos à ideia da presença de espíritos impuros no homem, verdadeiro obstáculo no caminho rumo ao Bem verdadeiro. Deus só pode estar presente no homem em que não reside qualquer espírito impuro. Na tentativa de esclarecimento do debate, Agostinho (2008, p. 138) menciona o significado de espírito impuro nos ritos dos santos:

[...] trata-se, primeiramente, daquele espírito que, de fora, invade a alma, perturbando os sentidos, a ponto de provocar na pessoa uma espécie de loucura. Para expulsar tais espíritos, os ministros impõem as mãos — o que é exorcismo, e que vem a ser uma ordem para fazê-los partir em nome de Deus. Pelo segundo sentido, “espírito impuro” aplica-se a toda alma impura, isto é, manchada por vícios e erros.

Agostinho reconhece que o homem distante de Deus não alcança felicidade. Por esta razão, utiliza-se dos ritos dos santos, dos quais pode extrair uma premissa segura de que é possível à alma do homem ser invadida por espíritos impuros, que o levam à loucura. Isso, de fato, constitui empecilho para a *posse de Deus*. Por outro lado, procura solucionar o problema recorrendo aos ministros da Igreja, cuja imposição das mãos sobre um homem confere a ordem de expulsar qualquer presença impura pela força de Deus. Num segundo sentido, a presença do espírito impuro significa um mergulho nos vícios do mundo, a corrupção pelo erro e a mácula do pecado.

Ramos (1984, p. 59) insiste sobre o valor da beatitude na filosofia de Agostinho:

É, pois, notório que as grandes teses morais agostinianas têm uma orientação fundamental para a beatitude e, por ela, para Deus, que exclusivamente a pode assegurar. Quanto ao Epistolário pode-se observar que em todas as vezes que principais cartas de espiritualidade — e todas as vezes que vem à baila o sentido último da vida do homem — aparece este fundo comum de base: onde encontrar a verdadeira vida feliz, autêntica bem-aventurança.

O sentido da vida do homem está em Deus, como posse da felicidade fora deste mundo. O mundo não assegura a felicidade, já que não pode oferecer autêntica vida feliz. O caminho a ser trilhado pauta-se em valores universais que correspondem à *posse de Deus*. O

questionamento filosófico é uma indagação relevante no itinerário da felicidade, uma valiosa contribuição na compreensão do ato beatificante. Pessanha (2004, p. 12-13) confirma: “A filosofia é, assim, entendida não como disciplina teórica que coloca problemas à estrutura do universo físico ou à natureza dos deuses, mas como uma indagação sobre a condição humana à procura da beatitude”.

A natureza humana almeja a felicidade. A razão pela qual o homem se lança em busca da felicidade está além da filosofia e deve ser iluminada pela Sagrada Escritura, entendida como alcance da beatitude. Esta consiste na *posse de Deus* e só ela garante a legítima felicidade. Pessanha (2004, p. 13) explica: “A beatitude, no entanto, não encontrada por Agostinho nos filósofos clássicos que conhecera na juventude, mas nas Sagradas Escrituras, quando iluminado pelas palavras de Paulo de Tarso. Não foi fruto de procedimento intelectual, mas ato de intuição e de fé”.

Agostinho procura conciliar este tema dentro da Patrística, ou seja, propõe conciliar a racionalidade com a fé, entre o que se sabe por convicção interior e aquilo que se pode demonstrar pela racionalidade, de modo a levar o homem à plena felicidade. Pode-se visualizar na beatitude a *posse de Deus*, um perder-se na divindade que não se limita nem ao tempo nem ao espaço.

Ramos (1984, p. 73), sobre a questão-chave da beatitude, levanta ainda o problema quanto à sua realização, se o homem a encontra apenas na vida eterna ou se já experimenta algo dela na terra para depois compreendê-la como elemento primordial:

Já podemos entender que se a “beatitude” do homem se encontra somente na “vita aeterna” que é “a paz que supera toda inteligência”, então importa saber se se possa ser feliz aqui na terra de algum modo e que sentido e valor possa ter a felicidade temporal, ou seja, a paz temporal que parece ser seu elemento principal.

Ramos tenta construir uma reflexão que relacione beatitude e a paz temporal. A última é um prenúncio da vida eterna e caracteriza a experiência a qual o homem, no seu contexto, prioriza como sendo de valor essencial. Dado que a felicidade é, portanto, uma busca incessante do homem, aborda-se a seguir a temática adjacente da felicidade terrestre e eterna.

3.4 Felicidade terrestre e Felicidade eterna

Para Santo Agostinho, todo homem deseja ser feliz e, neste sentido, em sua elaboração mística sobre a felicidade terrena e eterna visa traçar um caminho que reflete o contexto do qual emergem fontes distintas. Entre as duas situações de felicidades, o filósofo de Tagaste compreende que o homem que vive a felicidade terrestre está fundamentado sobre o amor próprio, a partir de uma lógica subjetiva, não deixando espaço para Deus. Já a Felicidade eterna prefigura-se no amor do Sumo-Bem, um Bem Absoluto que é Deus, levando ao desprezo de si próprio.

Por conseguinte, a felicidade terrestre pertence ao homem carnal. Para Ramos (1984, p. 61):

Há uma certa vida do homem envolvida nos sentidos carnis, entregue aos gozos da carne, que foge dos incômodos da carne e procura, ao invés, a sensualidade. A felicidade de tal vida é temporal. Começar por tal vida é necessário, nela continuar é voluntária. De fato a criança de nada mais é capaz senão de fomentar esta vida. Mas uma vez atingindo o uso da razão, já poderá, coadjuvada a vontade por Deus, eleger por outra vida, cujo gozo está na alma, cuja felicidade é interior e eterna... O que importa é saber para onde alma racional prefira dirigir pela vontade o uso da mesma razão ou para os bens da natureza exterior e inferior, ou para aqueles da natureza interior e superior; isto é, para que goze do corpo e do tempo (*fruaturs corpore et tempore*) ou, ao invés, da divindade e da eternidade (*fruaturs divinitate atque aeternitate*).

A vida do homem é envolvida pelos sentidos carnis. Eles são de grande relevância para esta dimensão temporal. O homem busca alimentar esta dimensão na inspiração do eu próprio. Está envolvido de toda a sensualidade integrante do mundo do seu ser carnal, propício ao mal. Assemelha-se, desse modo, a uma criança que se apoia na vida, vida que vai ao encontro da humanidade. Esta vida é quem lhe dá sustentação para desenvolver seus passos voluntários. Da mesma forma, com esta analogia, o homem poderá possuir a felicidade terrena imersa na soberba, voltado a si mesmo, o que contraria a vida eterna, lugar de plena felicidade.

Segundo Ramos (1984, p. 61), a felicidade está no alcance do homem, não importa o seu processo, este pode também se utilizar da alma racional para um bem:

A alma racional pode também usar bem (*beneuti*) da felicidade temporal e corporal, se não se entregar à criatura, desprezando o criador, mas antes pondo aquela felicidade a serviço de mesmo criador, o qual, pela desmedida largueza de sua bondade, é igualmente o dispensador desta felicidade.

A alma racional pode levar o homem à felicidade temporal e corporal e dela se beneficiar para entregar-se ao Criador. Isso implica que o homem é um ser racional com atribuições. Assim, Agostinho estabelece claramente que os homens foram criados para viverem em comunhão com a Verdade absoluta, que é Deus, tal como os anjos permanecem unidos ao Criador numa felicidade sem fim. Todo ser humano é chamado a participar da comunhão do amor.

Segundo Ramos (1984, p. 63), os bens são causa para a felicidade temporal e corporal e, de fato, eles refletem para a Felicidade eterna:

Antes de deduzirmos nossas primeiras conclusões, interessa-nos ainda dizer brevemente dos bens próprios desta 'felicidade temporal e corporal' e do bem da 'felicidade eterna', mas, sobretudo dizer da formalidade constitutiva se assim podemos falar, segundo Agostinho, da própria felicidade em si. 'O homem - de fato - vive de tudo aquilo que ama, que deseja como algo de grande e pelo qual crê de ser beato'.

A procura do bem comum constitui uma preocupação constante do cidadão da Cidade Celeste, ou seja, do cidadão que goza em plenitude a felicidade e participa proeminentemente da Felicidade eterna. Esta meta escatológica enfatizada por Agostinho não exclui de forma alguma o desejo de tê-la, como o interesse pelos assuntos de ordem social e política. Ao pensar na eternidade, o pensador africano afirma que o homem de boa vontade se empenha em dar sua parcela de contribuição para que seja melhor.

Por outro lado, sobre os bens e males deste mundo, Ramos (1984, p. 64) tece um valioso comentário baseando-se em cartas de Agostinho:

Agostinho enquadra com grande amplitude em suas cartas os bens e os males deste mundo. — Também a estes, últimos, pois trata-se de noções correlativas e para quem se propõe nesta terra o problema da felicidade não é possível abstrair da realidade pungente e inevitável da dor e do pecado.

Ramos, ao tempo que tenta mostrar as relações que se propõem para a felicidade, aponta pistas para superação diante do problema da felicidade em meio a dor e o pecado. É inevitável encontrar diante da dor e do pecado uma possível felicidade. É desejo de Deus conciliar e marcar com seu Espírito os projetos e realizações de seus filhos.

3.5 A falsa felicidade

O problema da falsa felicidade é um dos temas implícitos na obra de Agostinho. Ao tratar da necessidade ou carência de que sofrem os infelizes no conceito comum que se lhes atribui, Agostinho lembra a existência de uma grande classe de pessoas que, embora experimentando muitos prazeres na vida, são ainda infelizes, pois lhes falta algo. No diálogo com Licêncio, cita o exemplo de Sérgio Orata, personagem do poeta Cícero: “[...] feliz sucesso coroava todos os seus empreendimentos e planos. Contudo, poderia dizer alguém dentre vós: quem sabe, não tenha ele querido possuir mais do que já tinha?” (AGOSTINHO, 1998, p. 147). Adiante, completa Agostinho (1998, p. 148): “Quanto mais inteligente fosse ele, mais perceberia que poderia perder todos os seus bens”.

Conclui-se que, mesmo para o homem aparentemente sábio, a posse de muitos bens não significa plena felicidade. Permanece nele pelo menos o temor de perder os próprios bens, ronda-lhe a ameaça de um destino desfavorável. Este temor gera, conforme Agostinho, uma inquietação que logo definir-se-á como infelicidade.

De fato, existe a possibilidade de um infeliz que possua bens, que não sofra com a carência dos prazeres mutáveis. Entretanto, enquanto ele afirma ser feliz confiando no dinheiro ou nas riquezas, Agostinho sentencia que sua felicidade é falsa. Este homem é feliz apenas aparentemente, já que sofre a indigência da sabedoria, e esta indigência é infelicidade. Para o filósofo de Tagaste, a indigência da alma (*animi egestas*) equivale à estupidez (*stultitia*), sendo esta “o oposto da sabedoria, como a morte o é da vida, e a felicidade da infelicidade. Entre esses diversos estados não há meio-termo” (AGOSTINHO, 1998, p. 149).

Logo, a falsa felicidade consiste em repousar a confiança nos bens passageiros. A alma, no mau uso da vontade, desvia-se do propósito de perseguir o bem verdadeiro e entrega-se à transitoriedade dos prazeres sensíveis, repousando sobre eles como se fossem o próprio fim desejável.

Faltando a sabedoria que orienta o homem para o Bem eterno, falta-lhe também a própria felicidade. A aparência de felicidade ligada às coisas passageiras esconde a total indigência. “Se alguém, privado de sabedoria, padece de grande carência (*egestatem*), entretanto nada falta a quem possui a sabedoria” (AGOSTINHO, 1998, p. 149). Aqui evidencia-se a relação entre a Verdade, fruto da sabedoria, e a Beatitude ou Vida Feliz. Disto se ocupará o próximo capítulo.

4 RELAÇÃO ENTRE VERDADE E FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Este terceiro capítulo aborda a questão da relação entre *Verdade e Felicidade* conforme trabalhada na filosofia agostiniana, acenando para a correlação entre ambas. Estas, segundo Santo Agostinho, encontram em culme e síntese no Bem Absoluto, no Sumo Bem ou Deus mesmo. Trata-se ainda nesta temática da necessidade humana de alcançar a verdadeira sabedoria, presente em Deus. Discorrendo um pouco mais, serão apresentados a Felicidade como busca da Verdade, o projeto agostiniano de sociedade feliz e, por fim, a intrínseca relação entre Felicidade, Verdade e Deus.

4.1 A sabedoria é a medida da alma

Depois de considerar, ainda no capítulo anterior, o problema da falsa felicidade, agora pretende-se passar à relação entre *Verdade e Felicidade*. Santo Agostinho, na obra *A Vida Feliz*, numa discussão com amigos e sua mãe, decide instalar-se comodamente para finalmente expor seu último tema do colóquio: A felicidade é plenitude espiritual. A discussão prossegue fazendo referência à felicidade desejada pelo homem como ideal de sua vida. Mas é ainda diante desta questão que Agostinho aborda que há homens impedidos da verdadeira felicidade em vista da carência. Agostinho conclui que toda indigência provoca infelicidade. Para o filósofo, a razão tem capacidade de demonstrar tal conceito quando pergunta: “[...] são todos os infelizes necessitados de algo? [...] Já que quem não é infeliz é feliz, será feliz quem não sofre necessidade. Isso caso fique confirmado à identidade entre o que denominamos indigência e infelicidade” (AGOSTINHO, 1998, p. 144).

Embora parta de uma análise negativa, a indigência ou carência é um passo decisivo no pensamento agostiniano para entender a necessidade da verdadeira sabedoria para ser feliz. Com isso, segundo o bispo de Hipona, ninguém duvida que quem esteja na carência seja feliz, e tampouco indaga se o sábio porventura sofre de necessidades corporais, pois reconhece que essas coisas não se fazem sentir na alma, considerada sede da vida feliz.

Para Agostinho (1998, p. 145-146), a alma do sábio tem seu auge na perfeição, quando não lhe falta nada e pode caracterizar-se como forte:

A alma do sábio é perfeita: ora, ao que é perfeito nada falta. Ele se servirá de tudo o que for necessário a seu corpo, e estiver a seu alcance. E caso contrário, a falta desses bens não conseguirá abatê-lo. Posto que a característica do sábio é ser forte, e o forte nada teme. Assim, o sábio não teme a morte corporal, nem os sofrimentos

que não consegue expulsar, evitar ou retardar, com a ajuda daqueles bens, de cuja posse pode acontecer ver-se privado.

Segundo o exímio teólogo, a meta do sábio está além da morte corporal, consiste em contemplar a plena Verdade, que, por sua vez, garante dentro dele a felicidade, mesmo quando esses bens lhe chegarem a faltar. Não haverá aí nenhuma alteração quanto a estas virtudes, pois a perfeição na existência recíproca entre *Verdade e Felicidade* é sua marca e sua diferença.

Todavia, Agostinho afirma que o homem tem vontades que muitas vezes podem lhe levar à infelicidade. Contudo, ao mesmo tempo, ele deseja somente o que pode. O filósofo de Tagaste afirma que sua vontade aspira coisas possíveis quando está conforme as prescrições da virtude e da divina lei da sabedoria. Agostinho (1998, p. 151), então, diz: “Trata-se agora de examinar quem não está na carência, pois esse será ao mesmo tempo sábio e feliz”. Para o bispo africano, por mais que o homem possua bens materiais e aparentemente seja feliz, sua felicidade não é completa. Na lógica agostiniana, o sábio atinge sua máxima perfeição na Verdade e na felicidade, que coincidem em Deus. Com tais premissas, deduz-se que os bens perecíveis são um acréscimo, não determinam o viver ou não na indigência. O contrário da indigência, confirma o bispo de Hipona, é a plenitude. “Nenhuma outra, penso eu, está mais próxima da verdade. Assim, plenitude e indigência são termos opostos. [...] Justamente, se a estultícia é indigência, a sabedoria será plenitude” (AGOSTINHO, 1998, p. 152-153).

Agostinho, quando fala de plenitude, procura investigar com cautela o problema, dada a sua posição secundária no tema primordial da Verdade e, posteriormente, da felicidade. No diálogo da obra *A Vida Feliz*, plenitude e indigência são termos opostos. Não estão em relação por conservarem diferenças quanto ao modo de ser ou não ser. Enquanto a estultícia, como negação da sabedoria, inclui em si os vícios, à sabedoria corresponde a moderação, esta liga-se, sua vez, à plenitude. “Onde há medida e proporção não existe nem a mais nem a menos do necessário. Aí se encontra precisamente a plenitude. Termo esse que opusemos à indigência” (AGOSTINHO, 1998, p. 153).

Para Santo Agostinho, a construção lógica em que se determina a clara oposição entre indigência e plenitude, estultícia e sabedoria, malignidade e moderação, no fundo, a contradição entre felicidade e infelicidade, termina por definir que a sabedoria é a medida da alma.

Logo, a sabedoria é a medida da alma, pois ela é, evidentemente, o contrário da estultícia. Ora, a estultícia é indigência, e esta tem como contrário a plenitude. Logo, a sabedoria é plenitude, e a plenitude implica a medida. Portanto, a medida da alma

encontra-se na sabedoria. Onde o famoso aforisma que obteve justificada glória por ser de máxima utilidade para a vida: Nada haja em demasia. (AGOSTINHO, 1998, p. 154).

Segundo a visão agostiniana, a resposta para a felicidade está na sabedoria, no abraço com o próprio Deus revelador da Verdade e da medida. Servir-se das coisas divinas pela segurança que lhes é própria, estar no passo delas para adentrar a realidade de Deus, não deixar-se desviar por coisas vãs. Declara-se, então, que sem a medida certa de todas as coisas é impossível ao homem ser feliz. Pois a alma se conserva com o equilíbrio, na moderação que é também plenitude. Deus é a plenitude, o aconchego da Verdade e da felicidade onde a alma do sábio almeja descansar e se deliciar, uma fonte que enriquece a vida do homem amigo da sabedoria. Agostinho (1998, p. 155) explica:

[...] quando alguém, tendo encontrado a sabedoria, faz dela objeto de sua contemplação – para me servir de uma expressão deste (Adeodato) – e a ele se apegava (*ad ipsam se tenet*) sem se deixar seduzir por coisas vãs, sem se voltar mais para as aparências enganosas, cujo peso arrasta e submerge em profunda objeção, tudo se desfaz, por estar ele abraçado a seu Deus (*amplexos a Deo suo*).

A opção da vontade e da razão pelo Sumo Bem, isto é, por Deus, não exclui a posse dos bens transitórios, mas dá a eles um sentido novo e pleno. Pois a alma do sábio conhece a distinção do que seja excesso diante de suas opções, compreende que aquilo que busca deve estar muito além dos bens temporais, que se orienta, antes de tudo, ao Bem Absoluto.

4.2 A felicidade é busca da Verdade

Esta parte da reflexão, Agostinho a menciona especialmente em seu livro *Contra Acadêmicos*, obra que tenta provar a correlação entre *Felicidade e Verdade*. Ele procura, deste modo, trabalhar a ideia de conhecimento da Verdade absoluta atrelada a felicidade. “[...] um de vós acha que a vida feliz pode ser alcançada apenas pela procura da verdade, enquanto outro sustenta que só a posse da verdade conduz à vida feliz. [...] a questão de grande importância e digna de uma discussão séria” (AGOSTINHO, 2008, p. 47).

Agostinho evidencia duas teses, a saber: a felicidade depende da Verdade e a felicidade independe do conhecimento da Verdade. Dois amigos do filósofo debatem, de maneira que cada um assume uma das posições. Reflete-se primeiro o fato de que a felicidade não pode ser contrária à razão. Todavia, no decorrer do diálogo, desenvolve-se também a tese da felicidade independente do conhecimento da Verdade. O debate é analisado com especial

atenção por Agostinho. Surgem, então, referências ao conhecimento do homem como algo inalcançável. “É nesse momento que entra em cena a teoria cética segundo a qual nenhum conhecimento é acessível à humanidade. Essa teoria, professada pelos membros da Nova Academia, implica felicidade não atrelada ao conhecimento da verdade absoluta [...]” (AGOSTINHO, 2007, p. 32).

Agostinho procura, em todo o *Contra Acadêmicos*, derrubar a tese cética pela hipótese da possibilidade de conhecimento. Russo (2008, p. 33) assim fala:

Derrubada a teoria cética e aventurada a possibilidade de conhecimento, abre-se terreno para o desenvolvimento da tese apresentada no início do debate, mas não desenvolvida ao longo dele: A felicidade depende do conhecimento da verdade absoluta. Acontece que o *Contra Acadêmicos* não avança além da derrubada da hipótese cética e do desenvolvimento posterior de tese que relaciona diretamente a felicidade com o conhecimento da verdade absoluta.

Ao investir contra a tese de que felicidade e conhecimento da Verdade não se relacionam, o douto bispo, indiretamente, exalta a categoria do diálogo entre eles, isto é, afirma que há um relacionamento direto entre *Felicidade e Verdade*. Logo chega-se à conclusão de que somente a teoria do relacionamento direto é via de correlação entre felicidade e conhecimento da Verdade. A obra *Contra Acadêmicos* defende, portanto, a ideia de que o conhecimento está direta e inseparavelmente ligado à possibilidade de felicidade.

4.3 O projeto de sociedade feliz em Agostinho

A felicidade, para Agostinho, desenvolve-se num plano individual e admite simultaneamente um conteúdo social, coletivo. Embora aproveite muito da herança filosófica da antiguidade, a conversão do bispo africano reflete decisivamente sobre uma nova postura moral fundada no cristianismo. “[...] a virtude do homem, que os filósofos gregos haviam determinado em função do conhecimento, é recalibrada por Agostinho em função do amor. A *virtus* é a *ordo amoris*” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 100).

Agostinho, teólogo e filósofo cristão, viveu em um período bastante conturbado. Deparou-se com saques, guerras e críticas ao cristianismo. Este contexto proeminente é o que motiva a reflexão sobre a sociedade de sua época. Por um lado, Roma está sendo destruída, os cristãos separados num mundo diferente, o que implica um espaço sem a harmonia ou a felicidade desejada por Deus. Na obra *A Cidade de Deus*, Santo Agostinho propõe uma interessante reflexão acerca da felicidade como projeto ético-político, sem deixar de lado as concepções escatológicas da teologia cristã. Agostinho compreende duas realidades distintas:

“Dois amores diversos geram as duas cidades: o amor a si mesmo, levado até o desprezo por Deus, gerou a *Cidade terrena*; o amor de Deus, levado até o desprezo por si, gerou a *Cidade celeste*” (AGOSTINHO apud REALE; ANTISERI, 2003, p. 99).

A *Cidade de Deus* foi escrita em meio ao confronto que a cristandade estava enfrentando na história. Em vista disto, Agostinho apresenta bem o sentido de cada uma das duas cidades. Para ele, a cidade terrena reflete a dimensão humana do homem, por se deixar conduzir por si próprio, favorecendo a soberba e competição entre seus membros. Ela não tem espaço para Deus. O significado da cidade de Deus ultrapassa a razão humana. Postula-se um estilo de vida em Deus, vivendo um amor sem interesse e sem discórdia, mas que esteja submisso à vontade do criador, o Deus verdadeiro, o Sumo Bem.

De fato, uma adesão a Deus, é fazer comunhão com Ele. Qualquer escolha feita da parte do homem pelo Sumo Bem é elemento para a felicidade, rejeitá-la é estar propício a infelicidade. Agostinho esclarece que o homem foi criado para permanecer unido e chamado à comunhão de amor. Silva (2005, p. 65) comenta.

O santo doutor hiponense estabelece claramente que os homens foram criados para viverem em comunhão com a verdade absoluta que é Deus, tal como os anjos permanecem unidos ao Criador numa felicidade sem fim. Todo ser humano é chamado a participar da comunhão do amor.

O *ordo amoris* da doutrina agostiniana é perfeita ressonância da síntese entre *Verdade e Felicidade*, coincidentes em Deus, consumidor de todo bem verdadeiro. O ideal de sociedade em Agostinho enraíza-se nas particularidades da sua filosofia revolucionária. Ramos (1984, p. 74) ressalta: “[...] Agostinho tem por base uma autêntica *Metafísica da Verdade e do Bem*; é nesta que tem suas raízes sua antropologia e a sua moral, que é, ao mesmo tempo, uma moral da felicidade e do dever, do amor e da liberdade”.

A moral agostiniana contribui na evolução do comportamento do homem, o que constitui para o indivíduo social a experiência da felicidade e do amor. Silva (2005, p. 68) esclarece que, neste âmbito, “[...] o homem não pode construir sua existência sem o *amor Dei*, pois deste modo colocará em risco seu desejo de paz e felicidade. Para Agostinho, o caminho da verdadeira concórdia individual e social passa necessariamente pela experiência do amor e da doação”.

Segundo o bispo de Hipona, a completa infelicidade, sob a irrevogável perspectiva cristã, está na morte eterna. Percebe-se que os bens mutáveis não fornecem garantia suficiente para uma vida feliz, ao contrário, sempre deixam uma lacuna. Só quem pode livrar o homem

da morte eterna é Deus; entretanto, ao invés de acolher o Bem Supremo, o homem prefere a morte quando lança-se às coisas terrenas.

Para ela [a morte eterna], se encaminham todos os cidadãos da *Cidade terrestre* que se afastaram do verdadeiro Deus que podia livrá-los dela. Mas eles preferiram os bens mutáveis provisórios desprezando os tesouros imutáveis. Poderiam usar as riquezas desta terra sem menosprezar o Criador e seu semelhante. Contudo, persistiram em adorar as criaturas ao invés do autor e consumidor delas. Daí escolheram sua própria ruína, vivem neste mundo como se ele fosse eterno (SILVA, 2005, p. 69).

Na história da humanidade não é difícil encontrar os vestígios dessas duas cidades. Existe um antagonismo com relação aos valores que podem ser de grande relevância para o homem. Quando o homem afasta-se do Deus verdadeiro, demonstrando preferência pelos bens mutáveis ou provisórios, sua felicidade é incompleta. Perde-se o bem mais precioso que poderia ter: o Absoluto. Agora, a sua riqueza é reconhecida como verdadeiro deus, a despeito do Criador e do seu semelhante. Por isso as posições imorais da *Cidade terrena* correspondem a uma falsa felicidade, aquela que jaz sob a aparência da posse dos bens transitórios, sem a inclinação necessária e primordial ao Bem supremo.

A Felicidade eterna, por sua vez, consiste numa perfeita realização junto a Deus. O homem é movido para o bem, o exercício da virtude repercute largamente sobre a comunidade, cooperando para o bem definitivo, orientado sempre para uma felicidade escatológica também comunitária. “Na doutrina agostiniana, o homem deve agir tendo diante de si seu fim último que é abraçar a Deus, ou seja, felicidade sem fim. Se o homem vive em sociedade e não esquece sua meta definitiva, contribui para o aperfeiçoamento da comunidade de modo intenso” (SILVA, 2005, p. 70-71).

O estado de suprema felicidade é necessariamente eterno, como a Verdade que o produz no homem. “Tal estado será eterno e estaremos certos de sua eternidade. Por isso, na paz dessa felicidade e na felicidade dessa paz consistirá o soberano bem” (AGOSTINHO apud SILVA, 2005, p. 71). A naturalidade do estado de suprema felicidade está na relação com que seus membros o buscam. A paz sinaliza os frutos existentes no estado, desde que este esteja fundamentado no soberano Bem.

Agostinho ressalta que a vontade do homem deve estar em consonância com a vontade reta. A moralidade sustenta o proceder das atividades terrenas conforme o que o homem precisa alcançar. Elas são os frutos extraordinários para a boa vivência do duplo preceito bíblico: amor a Deus e ao próximo. Ramos (1984, p. 70) explicita a seguir:

Agostinho, filósofo e crente, [...] mostra como não haja felicidade para o homem fora da vontade reta, isto é, da virtude, que 'usando bem' dos bens terrenos os torna 'bons (moralmente)', 'ordenando-os para a vida eterna', 'que é a única bem-aventurada'. Este '*bene uti*', este '*recte vivere*' consistem, explicitamente, em 'não antepor as realidades temporais às eternas', ou seja, em 'respeitar a ordem' dos seres, como vimos no parágrafo anterior. Ele ensina ainda que 'viver bem', isto é, segundo a virtude, mesmo do modo mais perfeito, que é aquele prescrito pelo duplo preceito bíblico da caridade, ainda não é '*beate vivere*'.

Em síntese, o projeto de sociedade delineado por Santo Agostinho também compreende a relação entre *Verdade e Felicidade*, com repercussão escatológica num plano cujas primícias estão no íntimo do coração humano. Ou melhor, na sua disposição para a ordem do amor. Pois Deus dispõe de um projeto de amor para a vida do homem, amor que realiza-se também no conhecimento da Verdade e na felicidade.

4.4 Deus, Verdade e Felicidade

Do que foi apresentado até agora, conclui-se que em Deus coincidem a *Verdade e a Felicidade*, numa relação de perfeição divina. *Verdade e Felicidade* trazem em si elementos da eternidade e da imutabilidade. Dentro do homem existe um espírito que dá testemunho da presença de Deus nunca ignorável. A alma como morada da Verdade é, para Agostinho, algo eterno e imutável, aquilo que não se pode separar, além de necessário para conhecer a Deus.

Na conclusão do diálogo *A Vida Feliz*, o filósofo de Tagaste se questiona quanto à sabedoria que dissipa toda indigência e é, por isso, razão de toda felicidade. "Mas que sabedoria será digna desse nome, a não ser a Sabedoria de Deus? Justamente aprendemos pela autoridade divina, que o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus [...] Por conseguinte, é feliz quem possui a Deus" (AGOSTINHO, 1998, p. 155). Deus é fundamento da existência humana, fora dele não é possível possuir a sabedoria. A sabedoria é a certeza de um conhecimento que não falha, visto que Deus é plena sabedoria, ela não passa, mas permanece.

De fato, para Agostinho, graças à experiência de conversão, a Verdade tem um nome e um rosto, Jesus Cristo. Ainda assim, não se permite definir Deus, limita-se a apresentá-lo com a metáfora da luz, como sugere inteligentemente no tratado sobre *A Trindade*. "Não como a luz que estes olhos veem, mas como aquela que só o coração vê, quando escuta dizer: é a Verdade! [...] Sim, se o podes, permanece nesse primeiro momento em que foste tocada como por um raio, quando ouviste: Verdade!" (AGOSTINHO, 2008, p. 263). É através da experiência mística que se pode sentir Deus. Agostinho não vê Deus, mas Deus é a Verdade que habita em seu coração. Sente-se uma presença extraordinária que emana da alma, uma

felicidade inexplicável que só poderia vir do Supremo Bem. O caminho rumo à Verdade e à Felicidade equivale ao trajeto da alma rumo a Deus.

A plenitude da alma corresponde, sobretudo, à moderação; à justa medida na posse de todas as coisas; a primeira delas, Deus mesmo. Compreende-se que a Verdade corresponde, neste caso, à própria felicidade: a felicidade é possuir a Deus mediante a Suma Medida. “[...] todo aquele que vier à Suma Medida pela Verdade será feliz. E isso é possuir a Deus na alma, gozar de Deus. Quanto às outras coisas criadas, Deus as possui, mas elas não possuem a Deus” (AGOSTINHO, 1998, p. 156).

É assim que Agostinho intui o convite interior à conversão, assumido com radicalidade em sua vida pessoal. O desejo ponderante de buscar a presença de Deus, de sentir sede dele, enfatiza uma experiência mística. A Verdade é Deus. Para sondar a realidade de Deus, o princípio da felicidade, não existe impedimento, o caminho é não temer, não vacilar, mas fixar os olhos nele, embora os olhos do homem não estejam sempre sadios para tomar a decisão de contemplar face a face a síntese perfeita entre *Verdade e Felicidade*. Agostinho (1998, p. 165) declara:

Certo impulso interior que nos convida a lembrar-nos de Deus, a buscá-lo, a sentir sede dele, sem nenhum fastio, jorra em nós dessa mesma fonte da Verdade. É luz que esse misterioso sol irradia em nossos olhos interiores. E é dele que procede tudo o que proferimos de verdadeiro, ainda que tenhamos volver para ele nossos olhos ainda doentios ou recém-abertos, e de o fixarmos face a face.

O tema de Deus como luz, o bispo de Hipona também aplica a Cristo, o Verbo. É dele que vem ao homem a iluminação capaz de orientá-lo para a suprema Verdade. Permanecer na luz significa, de algum modo, alcançar a felicidade, afastar-se das sombras de um reino que não pertence ao Deus verdadeiro, a *Cidade terrena*. “Pois nossa iluminação é uma participação no Verbo, isto é, aquela vida que é a luz dos homens” (AGOSTINHO, 2008, p. 149-150). Assim, Deus feito homem justo, advoga pelos pecadores, homens que estão distantes da iluminação da suprema Verdade. Para chegar à contemplação de Deus e conseguir a felicidade, o homem deve estar livre das coisas mutáveis, as quais lhe fragmentam ou obscurecem nele a luz da suma Verdade. Esse sol revela-se como ser perfeito, sendo o próprio Deus, a saber, o Deus Todo Poderoso.

A relação entre *Verdade e Felicidade* no pensamento agostiniano é a síntese presente em Deus, Sumo Bem, em quem o homem conhece todas as coisas e delas todas extrai o melhor. Somente Deus é causa verdadeira a ser desejada; isso se conhece pela revelação trinitária, conhecimento seguro diante das ilusões de superstições mundanas corriqueiras.

Quando se tem a Suma Medida, o homem já antecipa a vida feliz aqui na terra. No gozo dos bens imutáveis, não perecíveis, se alcança a majestosa Verdade que é Deus e, por consequência, a suprema felicidade que é destino da alma. A Trindade é a correlação perfeita ao estado de comunhão na posse da vida feliz. “Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: por quem somos guiados até a Verdade (o Pai); de qual verdade gozamos (o Filho); e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo)” (AGOSTINHO, 1998, p. 156-157).

O diálogo filosófico sobre *A Vida Feliz* conclui-se com um aceno teológico profundo e tipicamente agostiniano. Afirma que tanto a fonte como a plenitude da felicidade estão no relacionamento com a Trindade, na relação com o Deus verdadeiro.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa sobre a temática da relação entre *Verdade e Felicidade* em Santo Agostinho, chega-se às seguintes conclusões: a ideia de Verdade é um conhecimento alcançado através da alma que busca incessantemente a Deus; a felicidade está no interior do homem e no encontro dele com o próprio Deus; a *Verdade e a Felicidade* têm repercussão escatológica e estão no relacionamento com a Trindade, ou seja, com o Deus verdadeiro. Por esta razão, pretende-se levar esta reflexão para futuros estudos filosóficos e teológicos sobre a temática.

Neste trabalho foi delineado o itinerário percorrido por Santo Agostinho em busca da *Verdade e da Felicidade*. No caminho traçado por Agostinho para chegar ao conhecimento da Verdade, um dos pontos marcantes foi a teoria do conhecimento que para este autor visa a iluminar a mente do homem para a Verdade, levando-o a compreender em que consiste a relação entre capacidade humana e conhecimento seguro. Esta teoria do conhecimento agostiniano, é considerada uma doutrina iluminadora, o autor entende que, a finalidade do homem, enquanto ser racional, é a busca da Verdade como fonte de felicidade, ele entende o conhecimento como elemento fundante do homem, o qual não pode ser encontrado fora do mesmo. O homem recebe a iluminação e dela depende o conhecimento, na fonte da própria luz da razão.

Para o autor a Verdade se concretiza na manifestação dos objetos como se apresentam aos nossos olhos. Agostinho considera, que os homens podem conhecer aquilo que sentem e, ao mesmo tempo, o que procuram conhecer. O que aparece na consciência é possível à mente verificar quanto ao seu sentido. A experiência comum diz que a pessoa conhece aquilo que vem ao seu encontro. O real passa pelos sentidos, refletidos, por sua vez, na alma da criatura.

Descoberta interessante enfoque que o homem é o lugar de encontro com a Verdade. Enquanto ser racional, o homem é capaz de refletir sua existência e possui os meios que o conduzem ao encontro consigo mesmo, a fim de descobrir tal Verdade. Ele reconhece ainda que o homem é ser dualista, ou seja, composto por alma e corpo, o que sugere a descoberta do mistério que representa. O homem é a imagem da Verdade por excelência. Ao refletir tal verdade e tendo-a como posse em sua existência pode finalmente compreender-se na substância de sua natureza. Deduz-se de imediato que o homem deve corresponder à Verdade.

O caminho do homem rumo à felicidade desperta nele a esperança de alcançá-la. É fundamental para este deleitar-se na vida feliz, afinal, todo homem foi criado por Deus para

viver de modo pleno a felicidade, por isso o homem é uma criatura contagiada da grande alegria que lhe é concedida pelo próprio Deus. É salutar ao homem ter consciência do objeto de sua busca, a felicidade, ou seja, o próprio Deus, de maneira que, se ele perde o dom precioso que lhe preenche como ser de felicidade, logo torna-se infeliz.

O ato beatificante corresponde à dimensão ao desejo viável de querer ininterruptamente buscar a posse de Deus. O sentido da vida do homem está em Deus, como posse da felicidade fora deste mundo. O mundo não assegura a felicidade, já que não pode oferecer autêntica vida feliz. O caminho a ser trilhado pauta-se em valores universais que correspondem à posse de Deus.

A procura do bem comum constitui uma preocupação constante do cidadão da Cidade Celeste, ou seja, do cidadão que goza em plenitude a felicidade e participa proeminentemente da felicidade eterna. Esta meta escatológica enfatizada por Agostinho não exclui de forma alguma o desejo de tê-la, como o interesse pelos assuntos de ordem social e política.

O problema da falsa felicidade é um dos temas implícitos na obra de Agostinho. Conclui-se que, mesmo para o homem aparentemente sábio, a posse de muitos bens não significa plena felicidade. Permanece nele pelo menos o temor de perder os próprios bens, ronda-lhe a ameaça de um destino desfavorável. Este temor gera, conforme Agostinho, uma inquietação que logo definir-se-á como infelicidade.

Embora parta de uma análise negativa, a indigência ou carência é um passo decisivo no pensamento agostiniano para entender a necessidade da verdadeira sabedoria para ser feliz. Segundo o exímio teólogo, a meta do sábio está além da morte corporal, consiste em contemplar a plena verdade, que, por sua vez, garante dentro dele a felicidade, mesmo quando esses bens lhe chegarem a faltar. Não haverá aí nenhuma alteração quanto a estas virtudes, pois a perfeição na existência recíproca entre *Verdade e Felicidade* é sua marca e sua diferença. Na lógica agostiniana, o sábio atinge sua máxima perfeição na verdade e na felicidade, que coincidem em Deus.

Do que foi apresentado até agora, conclui-se que em Deus coincidem a *Verdade e a Felicidade*, numa relação de perfeição divina. *Verdade e Felicidade* trazem em si elementos da eternidade e da imutabilidade. Dentro do homem existe um espírito que dá testemunho da presença de Deus nunca ignorável. A alma como morada da Verdade é, para Agostinho, algo eterno e imutável, aquilo que não se pode separar, além de necessário para conhecer a Deus.

A relação entre *Verdade e Felicidade* no pensamento agostiniano é a síntese presente em Deus, Sumo Bem, em quem o homem conhece todas as coisas e delas todas extrai o

melhor. Somente Deus é causa verdadeira a ser desejada; isso se conhece pela revelação trinitária, conhecimento seguro diante das ilusões de superstições mundanas corriqueiras.

Percebe-se que o pensamento de Agostinho trouxe para a humanidade uma vasta contribuição a respeito desta relação entre *Verdade e Felicidade* o que causa ao homem oportunidade de ensinamento na vida prática e ao mesmo tempo, garantia para a posteridade que deseja trabalhar esta temática. Diante de tudo isso, percebe-se que Santo Agostinho marcou sua época e que hoje seu pensamento é muito refletido na Igreja e, sobretudo na vida acadêmico.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **A Trindade**. Tradução de Agostinho Belmonte; Honório Dalbosco. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística).
- _____. **A Verdadeira Religião**. Tradução de Nair de Assis de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007 (Patrística; 19).
- _____. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S. J. Ed. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2004.
- _____. **Contra os Acadêmicos**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística; 24).
- _____. **O Livre Arbítrio**. Tradução de Nair Assis Oliveira. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **Solilóquios e A Vida Feliz**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998 (Patrística).
- RAMOS, Francisco M. Tomás. **A idéia de estado na doutrina ético-política de S. Agostinho- um estudo o epistolário comparado com o “De Civita Dei”**. São Paulo: Loyola, 1984.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- RUSSO, Alexandre Toler. **Felicidade através do conhecimento**. Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:
<<http://www.sapientia.pucsp.br/tdearquivos/15/TDE-2007-11-13T08:56:43Z-4328/Publico/Alexandre%20Toler%20Russo.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2024.
- SANTOS, Danilo Nobre dos. **O Conceito de Beatitude em Santo Agostinho**. Universidade da Unesp, Disponível em:
<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/Danilo%20Nobre%20dos%20Santos%20-%203%20_25-34_.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2014.
- SILVA, Renata Vanessa. **A Relação entre verdade e conhecimento nas confissões de Santo Agostinho**. Universidade Federal de Santa Catarina- Centro de Filosofia e Humanas- Departamento de Filosofia- Mestrado em Filosofia , Florianópolis, 2005. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102859/220887.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 abr. 2014.